

ROBERTO CAVALLI

JUST ME!
autobiografia

Tradução

Joana Angélica d'Avila Melo

B

BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2015

Dedico este livro à minha grande, fantástica e maravilhosa mãe, e... a Silvanella, meu rocambolesco primeiro amor, agradecendo-lhe por ter me dado dois filhos (Cristiana e Tommaso), e... a Eva, a mais bela do mundo, que buscou minha felicidade no fundo do meu coração e me deu três filhos que foram o fruto do nosso amor (Rachele, Daniele, Robert), e... a Lietta, minha irmãzinha especial, cuja sabedoria me acompanhou nos primeiros passos desta aventura, e... a todas as mulheres que amei e que me amaram, e... a todos os meus amigos de verdade (que não são muitos), e... por que não?, a todos os meus animais (em particular, Lupo), que foram muitíssimos, me fizeram companhia e souberam me fazer sorrir.

Bateram à porta. Um rumor surdo interrompeu nosso almoço num belo dia de verão. Foi papai quem se levantou da mesa para ir abrir. Seus olhos deixaram logo de sorrir, sua face mudou de expressão, como se uma coisa horrível, uma coisa realmente horrível, estivesse prestes a acontecer. Tive a impressão de que até os raios de sol que penetravam através das cortinas de repente haviam escurecido, como se a maravilhosa música que até um segundo antes ecoava nos corações da nossa família também tivesse desaparecido. Mamãe estava na cozinha e correu para papai. Três soldados alemães entraram esbravejando numa língua incompreensível. Agarraram papai por um braço e ordenaram que os seguisse. “Mamãe! Mamãe! Quem são eles, mamãe? O que eles querem? O que querem estes homens horrorosos? Mamãe! Estou com medo!”, berrei. Papai se deteve um instante, me fitou diretamente nos olhos, me estendeu a mão e disse: “Não tenha medo, fique perto de sua mãe e de Lietta.” Depois saiu pela porta de casa. Mamãe me abraçou com força. Eu os vi se afastarem. Ficamos mudos. Sentados em nossa sala: um sofá estofado com tecido florido, poucas almofadas nos cantos, uma mesa quadrada com um grande centro cheio de frutas, quatro cadeiras de palha.

Mamãe quase não respirava. Minha irmã apertava com força a minha mão. Mas fazia calor e a minha escorregava da dela. Eu compreendia que estava acontecendo algo terrível.

Os alemães continuaram batendo às portas dos outros inquilinos para fazê-los abrir. Os três homens que moravam no primeiro andar, os amigos do papai, também foram obrigados a segui-los. No segundo andar, porém, o engenheiro Stella não atendeu. Não abriu. Salvou-se.

Aqueles três sujeitos de botas pretas luzidias, com aquelas metralhadoras nas mãos e aquela voz rouca e dura que falava uma língua desconhecida para mim, tinham me enchido de terror. Papai, não, ele não tinha medo. “Volto logo”, disse, e foram suas poucas, únicas palavras, semiescondidas por um dulcíssimo sorriso que jamais esquecerei. Eu era um menino, mas aquele sorriso está gravado por toda a vida em minha mente, no meu sangue.

Papai desapareceu da nossa vista e da nossa vida assim que transpôs a porta da casa.

Morávamos nos Villini; a nossa era uma das muitas construções, todas iguais, todas como aquelas que ensinam a gente a desenhar no primário, com três andares: uma porta, duas janelas no térreo, três no segundo andar e três no último. Pelas vidraças via-se o campo. Uma cumeeira se elevava sobre o teto inclinado de telhas vermelhas.

Os Villini eram a parte do vilarejo reservada aos dirigentes da mina. Lá embaixo havia os sítios com vacas leiteiras. Chamavam-se Le Muccherie.

O lugar era Castelnuovo dei Sabbioni. Ficava a quarenta quilômetros de Florença. Uma aldeia em aclave. Poucas construções nas laterais da estrada. Poucas ruas. Uma praça com belas casas à esquerda e à direita. Mais embaixo, os Villini. Bem diante das nossas janelas, uma parede rochosa com um túnel: o refúgio em caso de bombardeio. Aquela parede diagonal era a meta de uma das nossas

brincadeiras preferidas: nós a escalávamos, e quem chegava mais alto era o vencedor. Havia ainda um bar, o único do lugar, e um riacho que margeava o vilarejo. E depois umas curvas fechadas que iam subindo, até a igreja, que dominava o vale do alto da colina.

Todos os habitantes trabalhavam na mina.

Quem morava nos Villini era, mesmo em sua modéstia social, um privilegiado.

Minha mãe era jovem, baixinha e franzina. Gostava de se vestir bem sem exagero, sem desperdício; gostava de destacar sua minúscula cintura com aqueles cintos altos e estreitos. E mamãe estava sempre sorridente, apaixonada pelo seu Giorgio e pela vida. Naquela manhã, havia ficado ao lado do papai enquanto ele fazia a barba. Queria convencê-lo a fugir. Mas ele respondeu à sua insistência assim: “Pelo menos vão me encontrar barbeado...”

Fazia diversos dias que se sentia no ar o odor de perigo. A guerra e os bombardeios tinham sempre acontecido longe; na aldeia, porém, havia algum tempo que se começava a falar com insistência de fatos ocorridos nas comunas vizinhas. Falava-se de represálias. Um alemão tinha sido ferido, ou mesmo só arranhado, por uma bala. Falava-se disso na véspera.

Papai se diplomara havia pouco e na aldeia era chamado de “Doutor”. Trabalhava o dia inteiro na mina como agrimensor, e à noite, depois que todos acabavam de comer, enquanto mamãe tirava a mesa, ele pegava seus livros, sentava-se e começava a estudar. Estudava até altas horas. Mamãe passava roupa, depois o chamava e ele ia ao seu encontro; eu os ouvia conversar, às vezes rir. Eram felizes juntos. E sonhavam! Desejavam um futuro diferente. Não queriam passar a vida inteira em Castelnuovo dei Sabbioni. Ele tinha feito muitos sacrifícios para se formar, e quando partira para a guerra na Albânia havia feito uma promessa à mamãe. Escrevia para ela todos os dias, com aquela sua letra minuciosa, perfeita.

“Voltarei logo”, garantiu numa de suas últimas cartas.

Casaram-se. Papai aceitou um emprego fixo na mina, assim poderiam ter uma casa só para eles. Depois veio minha irmã. Depois cheguei eu. Depois vieram o diploma e os amigos.

Papai era especial, alegre; ria e brincava sobre todos os assuntos com os vizinhos, que eram também seus melhores amigos. Eles eram o grupo dos jovens. Os outros eram os engenheiros e os dirigentes, e estavam ali havia mais tempo. Uma das brincadeiras preferidas dos jovens era macaquear os dirigentes. Alternadamente, um deles se levantava, imitava gestos, fazia caretas, e os outros deviam adivinhar quem era a vítima da gozação. Papai e seus amigos riam como loucos, enquanto mamãe, embora se divertindo, às vezes os repreendia, porque de vez em quando exageravam e ela temia que os chefes viessem a saber.

A babá Giuliana vinha todos os dias para ajudar mamãe nos trabalhos domésticos. Tinha mãos grandes e cara vermelha. Lembro-me dela sempre esbaforida; inclusive porque mamãe tinha a mania de mudar constantemente alguma coisa dentro de casa, gostava de deslocar um móvel, uma cadeira, um quadro: a casa, em resumo, estava em perene movimento. Exatamente como era ela. E esse era outro motivo de divertimento para papai. Um dia, quando mamãe estava na casa de Ines, a costureira do lugar, cujo ateliê ficava na metade da subida, e portanto longe dos Villini, papai e seus amigos aproveitaram para lhe pregar uma peça: entraram na casa e mudaram não só a disposição dos móveis como também a destinação dos aposentos, e por algumas horas colchões e camas haviam migrado, vagando de um quarto a outro.

Mamãe, quando voltou, se mostrou muito divertida.

Éramos felizes.

Mas veio aquela manhã, a manhã de 4 de julho. O vento daquele dia, na canícula estival, varria os ruídos para o vale, e a aldeia havia

mergulhado num silêncio absoluto, abafado. Na praça, as mulheres, atrás das venezianas semifechadas, assistiam a uma cena feita de fragmentos que iam se compondo: pequenos grupos de pessoas, jovens e menos jovens, eram arrastados, empurrados, por três ou quatro rapazes armados que os ameaçavam com metralhadoras. E assim, aos poucos, como os muitos figurantes de um filme, chegaram a mais de oitenta. Olhavam um para o outro, incrédulos e desesperados. Foi-lhes ordenado que se reunissem e se dirigissem à parede rochosa. Não havia tempo para se fazer perguntas. As metralhadoras começaram a disparar. Alguns, nas extremidades da fila, se jogaram da ponte para o rio, ou para a ravina; outros se esconderam sob a ponte. Esses se salvaram.

Os outros morreram todos. Amontoados um sobre o outro. Depois os corpos foram borrifados com gasolina e queimados.

Depois, de novo o silêncio. Só a morte traz um silêncio tão pesado, tão tétrico, tão profundo. Só a morte dá fim a todo sofrimento.

Uma fumaça cinza-escura recobriu o céu azul de um dia de verão. Ao redor, a dor. Uma dor tangível. Não só nos parecia tocá-la. Realmente a tocávamos.

De repente a porta se escancarou e aquela dor entrou em nossa casa. Tinha a aparência de um homem feio, de um homem detestado no lugar, um beberrão praguejador. Entrou gritando: “Mataram todos!” E repetia sem parar, cada vez mais forte: “Mataram todos!”

Na praça, as mulheres, vestidas de preto como as velhas da aldeia, levantavam o avental, com suas mãos nodosas, diante do rosto.

Choravam, gritavam, diziam coisas incompreensíveis.

Mamãe correu lá para fora. Eu e minha irmã a seguimos até a esquina. Outras mulheres, sempre gritando, corriam, enlouquecidas, em todas as direções, e nos empurraram para trás. Animais feridos e amedrontados. Minha irmã e eu nos agachamos junto da escada que levava ao andar superior. Queríamos nos esconder, mas minha calça

curta e seu vestidinho apertado não nos davam grandes possibilidades de proteção. Então nos abraçamos com força; minha irmã me tomou entre os braços com toda a força que uma menina de sete anos podia ter, pequenina, mas já consciente da tragédia que acabava de nos atingir. A porta do apartamento do primeiro andar, acima de nós, se abriu. Era nosso vizinho, Stella. Os soldados tinham quase derrubado sua porta de tanto bater, mas ele não havia aberto. Destino, disse. Pronunciou apenas essa palavra, baixando a cabeça como para se desculpar, depois foi embora às pressas.

Era 4 de julho de 1944. Meu pai tinha trinta e três anos. Mamãe voltou em silêncio, como sempre. Não disse uma palavra. Foi até o quarto e nós a seguimos. Eu não tinha entendido e, levado pelo hábito, peguei as pantufas que papai deixava embaixo da cama e as levei, como costumava fazer, para a cozinha. Era a minha brincadeira preferida, esconder suas pantufas, e depois ser tomado nos braços e lançado para o alto, quando ele as encontrava. E depois eu ria e ele me fazia cócegas para me fazer rir ainda mais. Também iríamos rir daquela vez. Em seguida nos sentamos à mesa para comer. Podíamos começar, naquela noite; não devíamos esperá-lo. Papai estava atrasado, mas voltaria. Não de imediato, mas voltaria.

O fato de alguns terem se salvado dava esperança a todas as famílias. A primeira noite passou, ficamos abraçados, bem apertados um ao outro na cama de casal, e minha irmã Lietta sussurrava para mamãe: “Você vai ver que ele volta, vai ver que ele se salvou.”

Esperamos durante dias. Lietta estava cada vez mais convencida de que o veria aparecer de uma hora para outra no largo em frente à casa e em seguida entrar na sala.

Passaram-se as horas, passaram-se os dias, com um vaivém contínuo de mulheres que cochichavam, choravam, nos olhavam compadecidas.

Com uma forte e dolorida obstinação, minha mãe empacotava tudo. Xícara por xícara, copo por copo, prato por prato. Fingia acreditar que ele estava apenas se escondendo, para voltar quando as coisas se acalmassem.

Não queria deixar nada daquela sua vida, nem sequer um pequeno objeto. Nada que pudesse recordar aquele lugar triste. Juntou os lençóis, os cobertores, os travesseiros, os colchões, os braseiros e um pequeno tapete, presente de casamento.

Enquanto isso, outros soldados haviam chegado à aldeia. Falavam outra língua, usavam botinas com cadarços semelhantes aos dos mineiros e, na cabeça, uma espécie de barquinho emborcado, tipo aqueles que nós crianças fazíamos com papel para vê-los flutuar no riacho, ou como os que os pedreiros usavam, feitos com jornal. Iam de casa em casa. Davam chicletes e chocolates às crianças.

Vovô Giuseppe, pai da mamãe, nos conseguiu um salvo-conduto para chegarmos a Florença. Não foi fácil; ele teve a ajuda do Arcebispo, com o qual mantinha boas relações porque havia feito o retrato do cardeal Elia Della Costa. E assim chegou o dia da nossa partida. Os soldados nos fizeram subir num caminhãozinho aberto, com dois bancos. Não havia espaço, e mamãe teve que escolher o que levar: pegou algumas malas, umas caixas, um frasco de azeite e a gaiola para transportar “La Bersagliera”, sua galinha de estimação, que com aquela enorme crista vermelha, sempre um pouco balouçante, iria nos acompanhar por toda parte e morreria velhíssima, à via Maragliano. Mamãe trancou com chave a porta de casa; parecia que deveríamos voltar dali a algumas horas. O hábito de sempre. E, no entanto, estávamos deixando para trás uma vida. Uma vida serena e cheia de sonhos. E de esperanças. Seguimos para Florença, íamos ficar na casa do vovô Giuseppe.

Partimos de noite. A aldeia estava abrasada. Havia luz como de dia. Incêndios por toda parte. As pessoas fugiam e queimavam tudo em sua retaguarda.

Com nossa bagagem carregada no caminhãozinho oscilante, enquanto, com os faróis apagados, descíamos lentamente das colinas para a estrada rural, cheia de buracos e pedras, um aeroplano alemão desceu cada vez mais perto de nós e começou a metralhar. Os soldados que nos acompanhavam gritaram que descêssemos e corrêssemos para nos deitar nos trigais. Mamãe nos mantinha apertados e nos suplicava que mantivéssemos a cabeça baixa: eu de um lado e Lietta do outro. Para mim, era tudo uma brincadeira, uma nova brincadeira para contar aos amigos; eu mantinha a cabeça entre os braços da mamãe, mas com um olho perscrutava o céu, enquanto as balas traçantes passavam acima de nós, iluminando em lampejos as plantações. “Vaga-lumes!”, gritei. De fato, eram como muitos vaga-lumes que de repente se acendem e de repente desaparecem. Nas noites de verão, muitas vezes nós nos escondíamos nos campos para vê-los. Eu estava feliz por todos aqueles vaga-lumes que nos circundavam, e mamãe, mantendo-me bem grudado ao terreno, me dizia que os olhasse, que eles eram verdadeiramente lindos, mas acrescentava que devíamos ficar imóveis, porque do contrário eles iriam embora e não os veríamos mais. Eu prendia a respiração.

Eu já era um pouco maior quando pela primeira vez vi vaga-lumes nas plantações dos camponeses perto da casa do vovô, à via Maragliano, em Florença. Refiro-me aos de verdade. Silenciosos como somente os sonhos e os desejos sabem ser.

Quando chegamos, às primeiras luzes do amanhecer, vovô e tia Giuliana, irmã da mamãe, nos acolheram com prantos e abraços. Poucas palavras. A casa deles era uma construçãozinha geminada, enfileirada junto a muitas outras. Via Maragliano, 89. A rua era de terra, e na frente se abriam os campos, grandes e cultivados com capricho pelas famílias dos camponeses. E, adiante, um riacho: o Mugnone. As casinhas eram todas mais ou menos iguais, mesma altura, mesma cor. Entrava-se por um portão marrom, à esquerda da fachada, e com uma campainha

dourada em forma de focinho de leão. Dentro, um grande corredor, depois logo à direita um quartinho onde eu e minha irmã dormíamos numa só cama. Embaixo eu escondia tudo o que conseguia resgatar nos arredores da casa ou nos campos. Uma vez trouxe até uma gatinha. Achei que ela estava doente, de tão inchada e reclamanta. De manhã cedo fomos acordados por miados contínuos e encontramos três filhotinhos, que ela estava amamentando. “Agora, não chora mais!”, comentei todo orgulhoso com Lietta.

No centro do primeiro andar da casa havia um aposento dividido em dois ambientes: a área destinada à copa se compunha de duas poltronas cobertas por um tecido gasto, uma mesinha com um rádio grasnante que de vez em quando funcionava — mas cujo volume, ainda assim, era mantido baixo — e um aparador de madeira entalhada que conservava a louça de porcelana usada nas grandes ocasiões. Na parede principal reinava um grande retrato da vovó, que havia morrido alguns meses antes do meu nascimento.

Já a área que servia como sala de jantar era quase completamente ocupada por uma bonita mesa da mesma madeira do aparador, e rodeada por quatro cadeiras.

Na cozinha, em meio aos azulejos brancos, destacava-se uma enorme chaminé que servia para recolher a fumaça do grande fogão a lenha.

No centro do corredor havia uma escada de mármore branco, com corrimão de madeira, que levava ao andar de cima.

Embaixo da escada, por uma pequena porta, chegava-se ao porão, e ali ficava a caldeira movida a lenha e carvão.

Durante o primeiro ano passado na casa do vovó, quando os bombardeios nos pareciam muito próximos, corríamos a nos refugiar num galpãozinho no fundo do jardim. Uma pequena construção mal-ajambrada, porém mais segura, talvez. Eu ficava feliz quando ao longe se viam os bombardeios; achava que eram fogos de artifício e não entendia

por que mamãe, sempre tão silenciosa, todas as vezes gritava ao primeiro estampido. Só nos era permitido olhá-los quando aconteciam muito longe.

Nos braços do vovô, encolhido com a boca aberta, eu me sentia contente, enquanto os clarões se erguiam no céu com as cores mais vermelhas do fogo. Mas ele, rangendo os dentes, resmungava: “Pobre Florença!”

Todas as casas tinham um jardim com um pequeno terraço de cimento diante da porta da sala. O verde era bem conservado: um camponês, nosso vizinho, cuidava dele nas horas livres. No meio do jardim se erguia uma palmeira, ativa como um símbolo de resistência ao tempo.

Vovô Giuseppe morava sozinho com tia Giuliana, desde quando vovó Egle havia morrido. Nossa chegada, tão repentina, nós adormecidos nos braços dos soldados e mamãe fechada em seu silêncio, humilhada pela penosa situação em que se encontrava, para ele foi seguramente uma visão atroz e cheia de dor: sua filha sozinha, sem trabalho, com dois filhos pequenos e um marido barbaramente assassinado pelos alemães. Vovô, embora carrancudo, ficou feliz por nos ter com ele, mas eu só compreendi isso muito mais tarde.

Mamãe se instalou numa parte da casa. Ela respeitava e temia seu pai.

Fazia um calor tórrido naquele primeiro verão na casa do vovô; lembro-me disso porque só se podia ir ao quintal depois do cochilinho da tarde. Era final de julho. Mamãe voltou de um de seus giros em busca de trabalho anunciando que as ruas e as pontes ao redor da Ponte Vecchio estavam para ser evacuadas. “Vão bombardear tudo”, sentenciou vovô em tom dramático, mas resignado. O que parecia uma previsão catastrófica foi só uma mínima parte daquilo que aconteceu. Um mês depois da morte do meu pai, todo o centro histórico, de Borgo San Jacopo à via dei Bardi, à via Guicciardini, à via Por Santa Maria, foi reduzido a escombros para retardar a chegada dos Aliados à margem esquerda do Arno. Ao mesmo tempo, os alemães deixaram a linha dos Lungarni* para dirigir-se aos Viali di Circonvallazione, ao Mugnone, o rio vizinho à nossa casa. E justamente através do Mugnone eles explodiram as pontes: a Romito e a Rosso, a qual, porém, resistiu.

Em uma manhã, bem cedo, vovô nos acordou, afobado. “Começou a insurreição, a sirene do Palazzo Vecchio soou!” Era 11 de agosto de 1944. Ele parecia enlouquecido. Queria ir até lá, apesar das súplicas

* Avenidas ao longo do rio Arno. (N. T.)

da mamãe. Enquanto isso a luta continuava bem atrás da casa, ao longo do Mugnone, na Fortezza, na Piazza della Libertà, nos prédios, nas ruas. Embora, no Palazzo Medici Riccardi, os homens do CTLN* e os *partigiani* tivessem instalado o novo governo citadino, Florença ainda deveria assistir ao bombardeamento do centro histórico, que aconteceu entre 19 e 22 de agosto, e esperar o dia 8 de setembro para ler nos jornais e ouvir pelo rádio a notícia da expulsão definitiva dos alemães.

O volume do rádio subiu inesperadamente, num amanhecer, tão forte e alto que mamãe saiu correndo de seu quarto: “Por acaso alguém enlouqueceu? O rádio tem que ser mantido baixo!” Vovô estava em pé no meio da sala. Parecia altíssimo, tão ereto se mantinha, e seus olhos brilhavam.

“É a libertação! E agora que vi a libertação de Florença, quero ver também a da Itália!” Falou num tom ameaçador, que não admitia réplicas.

Meu avô era um homem carrancudo que às vezes enfurecia mamãe, mas era muito doce! Era um grande artista, um famoso retratista. Não era alto, mas era “grande”, o vovô. Estava sempre presente. A casa era a sua casa, e isso se sentia. Respirava com ele e como ele. E a visão de Florença livre lhe devolveu a alegria e a vontade de estar mais próximo de nós. Ele sorria, e às vezes se oferecia para brincar comigo no jardim. Com frequência me contava que “na Piazza, não longe daqui, onde era a alfândega, muito tempo atrás se instalou um circo com caubóis e índios de verdade, e veio até Buffalo Bill...” Eu nunca soube se isso era verdade ou uma história inventada para me divertir, mas acreditava e vivia procurando saber algo mais. Minhas noites, depois dessas histórias, eram agitadas. Cheias de tiros e gritos. De cavalos e de flechas. De longas correrias e de caravanas em fuga. Eu era o verdadeiro herói de todos esses acontecimentos, e com minha coragem

* Comitato Toscano di Liberazione Nazionale. (N. T.)

salvava os comboios dos assaltos dos índios. Toda noite um novo capítulo me acompanhava em meus sonhos. E o meu mundo era cada vez mais ilimitado, cada vez mais fantasioso. À tardinha, quando vovô acabava de pintar e mamãe voltava do trabalho, eu corria para ele e perguntava: “Mas como era Buffalo Bill? Você o conheceu?” E assim começavam histórias longas e detalhadas, sempre diferentes. Todos sentados diante daquele fogãozinho onde mamãe fazia comida e que nas noites de inverno nos dava um pouco de calor. Nossa vida tinha seus ritmos. Mamãe trabalhava, minha irmã ia à escola e vovô pintava. Era outono e os dias ainda estavam tépidos. Tudo parecia sereno, quase suspenso numa aparente tranquilidade. Então chegou o frio. O inverno era sempre rigoroso em Florença. Alguns graus acima de zero, lá fora, equivaliam a um gelo insuportável dentro de casa. As geladuras se alternavam com os piolhos. Era um contínuo esfregar de azeite de oliva para as geladuras e óleo de cânfora para os piolhos. No inverno, o momento mais gostoso era quando íamos dormir com aquele pouco de calor que mamãe conseguia obter com os pedacinhos de carvão que conseguia juntar para colocá-los dentro do braseiro. Para mim, aquele calor era a antessala do paraíso. Eu ia dormir feliz, esperava que mamãe enfiasse embaixo das cobertas aquele tamborzinho de madeira com um gancho no centro, que prendia a vasilha de barro cheia de carvão aceso; esperava o último beijinho da mamãe e mergulhava nos meus sonhos... De manhã, abria os olhos ao ouvir o ruído dos primeiros carrinhos dos camponeses que iam ao mercado, chacoalhando sobre as pedras da rua. Era o sinal de que dali a pouco se levantaria a voz cantarolada, forte e rouca do vendedor de brioques. Como uma chamada à vida de todos os dias. Ágil como um gato, eu vestia um suéter e, de mãos dadas com mamãe, ia comprar dois brioques ainda quentes para mim e para Lietta.

Tia Giuliana se casou, e mamãe ficou sozinha cuidando do vovô e da casa. Com a ajuda das velhas amigas, conseguiu obter carvão e lenha para abrir um pequeno negócio: o carvão era o único meio de aquecimento, e os ganhos, embora poucos, eram suficientes para nos sustentar. A lojinha não ficava longe de casa. Mamãe confiava em me deixar sozinho durante o dia porque tia Vanda e tio Stefano cuidavam de mim; Lietta ia para a escola e eu ia brincar com Paolo, o filho da tia Vanda e do tio Stefano, os quais moravam justamente na casa ao lado da nossa: uma das muitas em tudo semelhantes entre si. Eu e Paolo tínhamos mais ou menos a mesma idade e ele foi meu primeiro grande amigo. Meu único amigo. Com ele eu fazia de tudo. Especialmente o que os adultos não queriam que fizéssemos. Recordo que uma vez mamãe prometeu nos dar umas moedas se podássemos a grande palmeira que reinava no meio do jardim. Orgulho do vovô, junto com a romãzeira. Começamos, mas nunca achávamos que havíamos podado o suficiente; moral da história, cortamos completamente todas as folhas. Um massacre! Não recordo se mamãe se enfureceu mais nessa ocasião ou se foi quando pendurei Paolo na cerejeira. “Ele podia morrer!”, me gritou minha tia, correndo para socorrer o filho, amarrado de cabeça para baixo em um galho. Mas os adultos são sempre tão exagerados que não recordo se a coisa foi realmente séria ou não. Só recordo os gritos da mamãe, da tia Vanda e do tio Stefano.

Tio Stefano se sentia investido na função paterna, tentava me inculcar a educação que eu deveria receber do meu pai. E também tia Vanda frequentemente me servia de vice-mãe, sobretudo porque, apesar da tentativa da mamãe de me mandar para o jardim de infância das freiras, eu não queria sair de casa. Minha única experiência no jardim de infância foi com as irmãs canossianas. O lugar não era longe de casa, e portanto bem cômodo para me levarem e me buscarem. Lá, conheci um menino mais velho do que eu, ou talvez apenas mais alto, que me dava uma enorme sensação de proteção; eu me grudava

a ele como se se tratasse de um adulto: com ele ao meu lado, me sentia em segurança. Jamais pensaria que o rosto daquele menino iria ficar impresso em minha memória. Reencontrei-o, já adulto, em Nova York, alguns anos atrás. Um amigo comum nos apresentou. Imediatamente o reconheci. “Nós nos conhecemos!”, exclamei. “Por acaso você frequentou o jardim das irmãs canossianas, no início dos anos 1940?” Ele confirmou e pareceu muito espantado. Na realidade, eu também. O menino do jardim de infância que me abrigara sob sua asa protetora certamente foi uma figura muito importante em minha vida para ter permanecido fixado tão demoradamente em minha memória.

Ao tio Stefano eu queria muito bem: era um homem bom, de saudáveis e antigos princípios. E também era um poeta; nas horas livres do trabalho, gostava de escrever versos, versos incrivelmente tristes e românticos, mas cheios de amor. Quase todas as noites, após o jantar, ele nos lia algumas páginas do livro *Coração...* “*para despertar a consciência de vocês e ensiná-los a respeitar os superiores*”, dizia. Eu gostava muito, ainda que muitas daquelas histórias me fizessem chorar.

Mamãe trabalhava sem descanso, e isso nos permitia ter lenha e carvão suficientes para aquecer a água destinada ao banhozinho semanal. Sem dúvida não era uma festa, porque na maioria das vezes aquilo acabava em gritos e manhas. A tina de zinco era enchida com água quente e, semanalmente, faziam-se os turnos. Primeiro minha irmã, água quente e limpa, e depois eu! Não me agradava ser o segundo, com a água já fria e suja, e principalmente não me agradava tomar banho. O quarto se enchia de prantos e esguichos. Muitas vezes mamãe não conseguia me fazer parar de chorar, e então mencionava a Befana:* somente a promessa de muitos brinquedos podia me acalmar. Entre

* Corruptela de “Epifania”, termo que no calendário católico se aplica ao Dia de Reis. A personagem, espécie de bruxa boa que integra o folclore de certas regiões italianas, é explicada a seguir. (N. T.)

nós, a Befana era muito mais importante do que o Menino Jesus e do que Papai Noel. De fato, era ela quem trazia os presentes, na noite entre 5 e 6 de janeiro, enchendo as meias penduradas na chaminé. E, como a quantidade deles era proporcional a quanto havíamos sido bons e obedientes, enfurecer a Befana por um banho idiota certamente não era um gesto sensato.

A noite mais bonita e mais esperada de todo o ano! Era um ritual, a chegada da Befana, aquela simpática velhinha que, cavalgando uma vassoura, voa de uma casa à outra metendo-se pelas chaminés, fazendo grande barulho, e trazendo muitas lembrancinhas para os bons meninos. E, para os menos bons, menos lembrancinhas e um pouco de carvão! À noite eu não conseguia adormecer, ficava agitado e, quando não ouvia mais ruídos na casa e o silêncio era total, me levantava e ia olhar aquelas meias tão pesadas e calombentas, contando com a bondade da velhinha. Avaliava com o olhar quanto haveria de carvão, doces e frutas nas meias que pendiam informes diante de uma chaminé já sem fogo. O Natal como tradição, com a vinda do Papai Noel que depositava os presentes embaixo da árvore, só chegou à minha casa mais tarde.

Que dor quando vovô me disse que na realidade a Befana não existia! Que era a mamãe quem enchia aquelas meias que eu adorava. Eu não sabia se acreditava. Ou talvez não quisesse. Ele havia destruído um sonho. Eu não lhe perdoava tanta maldade. Então me rebelei e comecei a berrar. Mas, para ele, já era hora de eu crescer. “Você está grande... Já é um homenzinho!”, gritava para mim, mais alto do que meus berros; eu só tinha cinco anos. Esse jeito de raciocinar é típico dos adultos. Aos cinco anos você já é um homem, ou então, aos quinze, ainda é um menino, dependendo das exigências e das necessidades do momento. “Seja como for, você é um menino grande, responsável, educado, e deve ser o homenzinho da casa.”

Responsabilidades demais para um menino já com mil outras dificuldades, entre as quais uma enorme: eu era gago! Um problema nada simples, se considerarmos a incapacidade das crianças em tolerar os defeitos físicos de seus coetâneos. A gagueira foi um grave *handicap* nos meus primeiros anos de vida e sobretudo depois, na escola. Mas naquele momento havia problemas maiores, como um inverno gélido, novas represálias dos nazistas, incursões e assassinatos...

Em abril, ocorreu um fato extraordinário que mudou a vida de um país inteiro: o fim da guerra! “Acabou, estamos livres!”, disse vovô em voz alta, escutando o rádio. O fim da guerra foi o renascimento, a conquista da liberdade. Mamãe não gritava mais para baixarmos o volume do rádio e até se podia ouvir música. Não era preciso voltar para casa se esgueirando junto às paredes nem tínhamos mais que ficar ansiosos, grudados à porta de entrada, esperando mamãe, que às vezes saía tarde do trabalho, enquanto vovô rangia os dentes e sussurrava sempre a mesma frase: “Quantas vezes devo lhe recomendar que volte para casa ainda com dia claro?”

Nas ruas, a vida voltou e as pessoas podiam parar para conversar. Mamãe agora sorria, e estava luminosa. Emanava sempre uma luz especial, mesmo quando estava preocupada ou aborrecida, e essa luz a tornava majestosa. Também para nós, crianças, havia acabado o período sombrio no qual éramos sempre obrigados a permanecer dentro de casa, ou, no máximo, no jardim, lá nos fundos. Agora dispúnhamos de novos espaços para correr e brincar. A rua em frente, cheia de pedras e buracos, de repente nos pareceu uma enorme quadra de jogos. Os pomares dos camponeses, bem do outro lado da via Maragliano, iriam se tornar nossa meta preferida; nos divertíamos em enfurecer os camponeses furtando umas frutas. E também havia os soldados americanos, que vinham nos ver e nos traziam doces e gomas de mascar. Fizemos amizade com dois deles que vinham nos encontrar

com mais frequência do que os outros: Russell e Jack. Eram altos e corpulentos. Riam forte. Chamavam-me de Bobby. Um nome que em nossa terra só se dava aos cães. E eu o odiava. Mas eles não entendiam. Eram gentis, e talvez, por uma goma de mascar, valesse a pena aceitar aquela alcunha idiota. Só muito mais tarde descobri que aquele apelido era tudo, menos depreciativo. Até o irmão do presidente americano John Fitzgerald Kennedy se chamava Bob. E, ironia da sorte, anos depois descobri que justamente os nomes dos dois soldados, combinados, formavam o de uma raça canina: Jack Russell.

Eu tinha cinco anos e minha única ocupação era brincar, estar sempre com meu primo Paolo e com os outros meninos vizinhos de casa. Viver na rua, naquele período, era a normalidade. Parecia que, terminada a guerra, não podiam existir outros perigos. Foi um período feliz, no qual tudo era diversão e os deveres ainda não existiam. Eu encarava a escola como algo distante. E, sobretudo, aterrorizante.

Eu ainda era pequeno, mas não chorava nunca e parecia acionado a mola. Desde a manhã até a noite, corria e brincava. Não parava. Era um verão quente, cheio de vespas. Tornou-se para mim um jogo, uma prova de coragem, procurar os vespeiros e destruí-los tentando não ser picado. Só me lembro das varas de altura superior à minha, que eu regularmente perdia na rua enquanto fugia. Seguramente, não era minha brincadeira preferida. Mas você não pode ser integrante de uma turma se não fizer o que lhe pedem para fazer. Eu gostava de jogar futebol com os outros meninos, embora, por preguiça, nunca me movesse do gol. Nossas bolas eram rudimentares. Feitas de trapos amarrados com cordas. Não eram bonitas, mas coloridas e variegadas. Jogávamos com elas até desmanchá-las. Terminávamos quando o último trapo voava longe entre seixos e buracos, e pedaços de tecido multicolorido ficavam semeados aqui e ali ao longo da rua. A bola de verdade chegou com a Befana daquele ano. Eu já estava resignado ao fato de que a Velha

Senhora com sua vassoura não existia, mas, já que pelo menos a bola que ela havia trazido era de verdade, fingi ainda acreditar nela. Na realidade, era um presente do tio Stefano. Era uma linda bola, feita de couro, e nós a enchíamos com a bomba da bicicleta através de uma pequena válvula.

Nos últimos dias de agosto e nos primeiros de setembro, trabalhávamos todos juntos em torno da bancada da cozinha preparando as lanternas para a “Rificolona”, a tradicional festa que se celebra na noite da véspera do aniversário de nascimento de Nossa Senhora, em 8 de setembro. O comandante das operações era o tio Stefano. Concentrado e preciso, queria que nós também aprendêssemos. A *rificolona* era uma lanterna feita com folhas de papel velino, leves e coloridas, e tinha formas diferentes, como luas, mulheres, casinhas ou qualquer outra ideia que viesse à mente. Dentro se instalava um pequeno lume, e a lanterna era pendurada numa vara comprida. Saíam todos em procissão, adultos e crianças, entoando a clássica cantilena: “*Nona ona ona... La bella Rificolona, ed è più bella la mia di quella della zia...*”^{*} Era um espetáculo tradicional maravilhoso, colorido, festivo. E aquelas cores vívidas e iluminadas por dentro pelas velinhas permaneceram impressas nas minhas recordações de menino. Eu adorava cores, e ver tantas, todas juntas, para mim era uma festa, uma alegria. A Rificolona acontecia tanto nas ruas quanto no rio. Barcos e barquinhos, por sua vez coloridos, deslizavam pelo Arno entre Bellariva e a Pescaia di San Niccolò. Todas aquelas embarcações com as lanternas acesas dentro da noite formavam um espetáculo único. O final da Rificolona acontecia entre lágrimas dos pequenos e gritos dos adultos. Os jovens maiores, armados de zarabatanas, canudinhos de madeira ou de metal carregados com bolinhas de papel, golpeavam as lanternas soprando aqueles pequenos projéteis,

* “Nona ona ona... A bela Rificolona, e é mais bela a minha do que a da titia...” (N. T.)

inocentes, mas fortes o suficiente para romper o invólucro, que depois se incendiava contra o lume. Fim da Rificolona. Alguns anos depois, substituí as lágrimas pelas zarabatanas. Havia chegado a minha vez de decretar o final da festa.

Na minha turminha, além de Paolo, havia Doro, um ou dois anos mais velho do que eu, e que se tornou meu melhor amigo, além de chefe indiscutível do grupo. A família dele era abastada. O pai era coronel do Exército. Doro morava três ou quatro portas depois da nossa e sua casa tinha um portão que levava a um jardim bem cuidado e em seguida a um terraço de cimento. Em frente, uma grande esplanada de terra para jogar futebol, com dois gols de madeira. Eu, como sempre, era o goleiro. Não gostava de correr. Também na escola, mais tarde, junto à Piazza San Marco, eu viria a integrar um time sério, com uniforme e tudo, sempre na posição de goleiro. O terraço de cimento de Doro foi durante anos o nosso lugar predileto, e sobretudo a pista oficial para o jogo de tampinhas. Nós a desenhávamos com giz, como se fosse um circuito para corridas de bicicleta. Enchiam-se as tampinhas com cera para torná-las mais pesadas e depois colava-se a figurinha do ciclista preferido. O meu era Bartali.

Já era o último verão, e em seguida eu começaria na escola. Mamãe decidiu que era o momento de me comprar roupas novas, e do meu tamanho, para eu não continuar usando somente as herdadas de minha irmã ou do meu primo Paolo, que era um pouco maior. Mamãe fazia muita questão de nos manter sempre em ordem. Havia nascido numa família de recursos, embora, certamente, não rica, e estudado piano e pintura na escola onde meu avô dava aulas às jovens de boa família da época, à via Milton, em Florença. Usava então umas saiazinhas brancas, sapatinhos com polainas e grandes laços, segundo a moda daquele período. Imagino-a pequena como uma boneca, com seus manteletes de gola xale, ou seus vestidinhos de cintura folgada

e rendinhas. Talvez o meu primeiro dia de escola lhe recordasse aquela época, uma das mais felizes de sua vida, apesar do horrível parêntese da Primeira Guerra Mundial. Ela, que tocava piano junto com sua irmã Giuliana, e o pai, que pintava e ensinava a muitas garotas da Florença rica. Tinha sido criada com a educação severa daquele tempo, mas em casa sempre se respirava um clima artístico. Vovô Giuseppe era um grande retratista: deslocava-se de um palacete a outro para pintar nobres personagens. Uma tradição que o tempo e a modernidade fizeram decair. Talvez só as famílias reais a mantenham. Um autorretrato do vovô e um retrato da vovó com veuzinho sobre o rosto estão expostos na Galleria dei Macchiaioli, no Palazzo Pitti.

Na época os recursos não eram muitos, mas, duas vezes por ano, na primavera, antes da Páscoa, e em setembro, depois do verão, mamãe sentia a necessidade de renovar alguma coisa, tipo os lençóis e a roupa-branca de verão ou os pesados agasalhos para o inverno. Para isso recorria a um bazar de Sesto Fiorentino. O proprietário, o senhor Catalani, um homem enorme, um velho paquerador, chegava em seu Fiat Topolino, carregado de tudo o que mamãe havia encomendado. Dez minutos para sair do carro, mais cinco para descarregar pacotes e pacotinhos. Depois de um divertido beija-mão, abaixando-se de seus dois metros, ele começava a desembalá-los.

Eu esperava, ansioso, ver as coisas encomendadas para mim. Abria meticulosamente todos os embrulhos, cuidando para não rasgar o papel que os envolvia. Esse rito se desenvolvia sobre a bancada da cozinha, e nós dois, minha irmã e eu, devíamos experimentar tudo, até aqueles horrendos pulôveres de lã de ovelha, que espetavam. “Caíram muito bem, são práticos e até bonitos, basta vestir por baixo uma camiseta e nem se percebe que eles arranham a pele!”, sustentava mamãe, sorrindo.

Ela escolheu meu primeiro aventalzinho preto e uma grande gravata-laço vermelha que era o meu orgulho. Aquilo me dava

a sensação de ser importante e grande, e me fazia esquecer minha gagueira. Apesar de todos os preparativos e de todo o entusiasmo, meu primeiro dia de escola foi o pior. Um verdadeiro trauma. Penso até que foi a causa de muitos desastres escolares futuros. Justamente naquela ocasião, mamãe precisou partir para Roma e eu me vi tendo que enfrentar sozinho aquele primeiro dia de aula. Fui o único menino a entrar na escola elementar Rossini sem a companhia de um genitor. Eu estava apavorado, e me mantinha em silêncio porque não queria deixar que todos soubessem logo da minha gagueira e me tornar o objeto de gozação das outras crianças. Encolhi-me num canto, num silêncio obstinado e raivoso. Esperei o som da campainha como o sinal de uma salvação inesperada. Senti-me agraciado. Corri esbafo-rido, sem olhar para trás. Queria chegar à minha casa e ficar ali para sempre. Apesar das súplicas da tia Vanda e das recomendações do tio Stefano, não houve nada a fazer. Eu queria mamãe, e somente com ela voltaria àquela escola. Minha mãe chegou, eu voltei a usar aquele belíssimo laço vermelho e entrei na sala de aula, orgulhoso por ter também uma mãe ao meu lado.

Desde o primeiro dia de escola, ficou clara a minha forte alergia ao estudo. Eu não conseguia ficar parado, precisava me movimentar o tempo todo, e tudo chamava minha atenção. Vivia no terror de ser interrogado, ou de ter que dar uma resposta diante das outras crianças. Quando o professor Capocchi precisava se ausentar por alguns minutos, o melhor aluno da sala, Paolo Bonaiuti, o substituí, escrevendo na lousa os nomes dos bons e dos maus. O meu aparecia sempre em primeiro lugar na lista dos maus, e isso invariavelmente me fazia terminar o dia atrás da lousa. Hoje, embora Paolo Bonaiuti nunca se esqueça de me enviar votos de Feliz Natal em cartões timbrados do Conselho de Ministros, recordando o passado, não posso dizer que me agradasse. Talvez porque ele fosse certinho demais.

Eu, seguramente, era o pior da classe, e assim permaneci por todos os cinco anos do ensino elementar, e depois também. Tinha sempre a cabeça nas nuvens, não escutava, e vivia sonhando com o momento de sair para voltar a brincar com os amigos.

Doro, como eu disse, era o chefe da nossa turminha, porque era o maior. Nesse meio-tempo também havia surgido a turma da Piazza Puccini, e o chefe se chamava Valerio. Não permitíamos que eles viessem aos campos que separavam a Piazza Puccini da via Maragliano. As frutas a roubar eram de nossa propriedade! E assim se desencadeavam batalhas intermináveis, com fundas, estilingues e pedradas. Os bandos se enfrentavam e ninguém recuava. Os gritos dos camponeses e as punições dos pais não eram nada, se comparados à glória que você conquistava quando expulsava os do bando adversário. Enquanto isso, continuavam as corridas de bicicleta e as partidas de futebol. Toda a nossa vida era uma competição: quem era o mais forte, ou o mais veloz, ou o mais arrogante. Fazia-se de tudo, menos estudar. Esse era um assunto a evitar a qualquer custo. Eu era o mais jovem e o mais tímido. Era o clássico bom amigo. Pendia dos lábios deles. Ficar no gol durante as partidas era o símbolo da minha submissão.

A certa altura criei para mim um pequeno comércio de soldadinhos de madeira. Pegava as figurinhas, colava-as sobre compensado, recortava-as com uma pequena serra e depois lhes fazia uma base. Talvez por simpatia, o dono da papelaria vizinha à escola as comprava, mas com o tempo se cansou. Não as quis mais, apesar das minhas repetidas visitas e insistências. Desde então, à tarde, comecei a ajudar mamãe na loja de lenha e carvão. Eu não gostava, mas pelo menos ganhava umas gorjetas. Trabalhava, e isso já bastava. Foi naqueles anos que, indo para a loja da mamãe, comecei a encontrar, cada vez mais frequentemente, um homem atarracado, com óculos de lentes grossas, que escondiam um olhar inexpressivo, e cabelos brancos ondulados. Ele também comerciava carvão no atacado, e sem dúvida o conhecimento com mamãe havia nascido através do trabalho. Ela instintivamente o evitava, e a cada encontro, a cada insistente pedido de casamento por parte dele, não se sentia lisonjeada, e sim cada vez mais triste. Mamãe ainda vivia mantendo muito perto de si a maravilhosa lembrança de seu marido, embora nunca falasse disso. Rolando Fratini era um homem bem de vida, de aparentes boas maneiras, desejoso de constituir uma família e de ajudar mamãe a criar os dois filhos. Tenho certeza de que vovô, sentindo-se velho

e percebendo que pesava sobre si a responsabilidade por uma filha e dois netos, incentivou minha mãe a, primeiro, aceitar a corte daquele homem, e depois, a desposá-lo. Eu também creio haver contribuído, à minha maneira, para aquela decisão. Eu desejava um pai. Qualquer um. Já minha irmã Lietta detestava Fratini, e nunca fez nada para esconder seu mais total desprezo. Na noite anterior ao casamento, mamãe chorou nos braços de Lietta, que a consolou, embora ainda fosse muito jovem para entender.

A cerimônia aconteceu na igreja de San Jacopino. Não tenho nenhuma lembrança. E não recordo sequer como e quando Lietta e eu eliminamos de nossa memória aquele evento. Não tenho nenhuma imagem daquele dia. Não existem fotos. Não existem testemunhas.

Mas eu queria bem àquele vice-pai. Talvez não exatamente a ele, mas sem dúvida à figura que ele representava, e da qual eu precisava. Além disso, havia ganhado um novo avô, o vovô Riccardo. Gostava muito dele, e ele também gostava de mim. Era uma pessoa simples, um velho camponês, sábio como certas pessoas do campo sabem ser. Vinha nos visitar com frequência; à noite eu me sentava aos seus pés e ele, estirado numa poltrona, vizinho ao fogo da estufa, fumava um fedorentíssimo charuto toscano, acompanhado pelo estalar da lenha que ardia, e me contava histórias, mas não novelas ou fábulas, e sim histórias verdadeiras de sua vida, histórias simples dos seus animais, me falava da colheita das azeitonas, da vindima; tudo isso me fascinava, e eu o escutava atentamente. Acreditava nele. Acreditava em tudo o que me contava. Ele havia me apelidado Bozzolino.

Meu outro avô de verdade, o pai do meu pai, chamava-se Ernesto e vivia com sua segunda mulher, enferma, num pequeno apartamento à via Marconi, uma casa que recorro com temor, um subsolo silencioso e escuro onde nunca se acendia a luz para não gastar dinheiro em eletricidade. Para preencher as poucas horas que eu passava em sua

companhia, me ensinava a jogar xadrez. Essa é a melhor lembrança que tenho dele. Eu ia vê-lo não mais do que uma vez por ano. Quando o Natal se aproximava, eu tinha sempre o problema de como juntar algum dinheiro para comprar os presentes para mamãe e Lietta. A visita ao vovô Ernesto era uma obrigação e acabava se tornando um santo remédio para as minhas necessidades. Ele sempre se sentia no dever de me dar alguns milhares de liras.

Portanto, eu tinha três avôs. Mas o de verdade continuou sempre sendo o vovô Giuseppe. Sisudo, de poucas palavras, resmungão. Passava o dia inteiro pintando em seu estúdio, à via degli Artisti, 6. Um grande loft quadrado, com uma vidraça enorme, metade recoberta por trepadeiras emaranhadas entre a parede e o vidro. No chão, uma cerâmica escura, velhíssima, mas linda. Por toda parte cavaletes, biombos, muitos bibelôs chineses, bustos, estátuas em gesso branco, panos orientais que serviam de fundo para seus retratos. E uma belíssima poltrona Savonarola em madeira escura, atrás de uma imponente mesa de mármore que ele usava como escrivaninha. Quando mamãe estava inclinada a recordações, sempre nos contava sobre as férias estivais do vovô e da vovó em Fiesole, um maravilhoso vilarejo nas colinas que circundam Florença; no campo, vovô pintava as belas paisagens toscanas. No final das férias, quando voltava ao seu estúdio com uns cinquenta esboços, escolhia os melhores e os pintava sobre tela. Aquele era o seu mundo, e somente ali ele gostava de ficar.

Nunca me dedicou muito do seu tempo livre. Recordo que um dia, à mesa, eu estava me entediando com as conversas dos “grandes” e comecei a desenhar o retrato de Rolando num pedaço de papel pardo. Vovô, enquanto falava, me acompanhava com a vista; depois me pediu a folha que eu estava rabiscando e a observou com atenção. Pegou-a, dobrou-a em quatro e guardou-a no bolso do paletó. Lembro-me como se fosse hoje. Foi o único momento em que notei nos seus olhos uma

expressão diferente. Ele não disse nada, apenas me fitou. Talvez naqueles traços a lápis, sobre aquele papel vagabundo de embrulhar pão, ele pensasse haver encontrado seu herdeiro artístico.

Deixou-o escrito em seu testamento. Foram suas últimas vontades. Estabeleceu que os objetos do seu estúdio, as coisas mais queridas para ele, fossem confiados justamente ao seu neto Roberto. Sempre me orgulhei disso, embora jamais tenha me sentido um artista figurativo como ele. Morreu exatamente na véspera do meu exame de admissão, em junho de 1951. Pedimos o adiamento, e portanto enfrentei as provas sozinho. Eu já não era bom aluno e, naquele clima de dor, estava mais desconcentrado ainda. Fiquei em recuperação em uma matéria.

Vovô, embora ancião, foi o primeiro a se dar conta do erro que havia cometido ao impelir mamãe a se casar com Rolando. Mas havia feito isso pelo bem dela, pelo seu futuro e pelo nosso, as crianças. Somente nos últimos meses de vida percebeu o quanto Marcella estava triste. Então começou a se sentir culpado pela infelicidade da filha, e em casa a tensão crescia a cada dia.

Mamãe, por sua vez, não conseguia sequer encarar seu pai, julgando-o o principal responsável pela sua desgraça. Pior: por pirraça, nunca abandonava seu quarto e já não descia nem mesmo para comer conosco, só para não ter que falar com ele.

Lietta ficou sendo a única para quem vovô sorria, e quase todos os dias ele lhe oferecia uma moedinha como gratificação: era o modo que os dois tinham de ser cúmplices. Com frequência, iam juntos ao cinema. Eu morria de ciúme, mas àquela altura também já me afastara um pouco do vovô, e me era cada vez mais difícil comunicar a ele o bem que lhe queria.

Rolando era um violento. Ciumentíssimo com mamãe. Não a deixava respirar, não queria que ela saísse, nem mesmo para trabalhar. As brigas estavam sempre na ordem do dia. Rolando não sabia se

controlar e um dia, num ataque de ira, quebrou com um soco um objeto de cristal no quarto deles, soltando palavrões. Uma verdadeira tragédia! Recordo que então, pela primeira vez, me senti adulto: um homenzinho, embora só tivesse treze anos. Corri para o quarto e abracei mamãe com força, queria defendê-la, e gritei para Rolando que em nossa casa ninguém nunca havia xingado e que aquilo não devia acontecer mais. Recordo o olhar da mamãe: ela me esboçou um sorriso doce, com os olhos cheios de “diamantes”. Ele compreendeu ter exagerado e também percebeu que, arriscando meu afeto, perderia o único aliado que lhe restava em casa. No entanto, suas explosões continuaram sem trégua. E, de igual modo, os prantos da mamãe. Ela vivia exasperada, mas era religiosa demais para faltar à promessa feita diante de Deus. Já que continuávamos morando na casa do vovô, muitas vezes minha mãe ameaçava expulsar Rolando dali, e era sempre eu a lhe pedir que o perdoasse. Não sou capaz, hoje, de compreender se minha atitude era de verdadeira afeição. Seguramente eu desejava um pai que me ajudasse a crescer. E uma família normal.

A escola não me agradava. Havia começado o período em que ser apreciado pelas garotas compensava qualquer insucesso escolar de minha parte. Eu gostava de aparecer, de me vestir bem. Gostava de ser admirado pelo meu look. Com aquele pouquíssimo que mamãe comprava para me vestir, eu conseguia, com um pouco de imaginação e personalidade, fazer minha figura! De manhã, me levantava cedíssimo e preparava as roupas para ir à escola, passava a ferro os vincos da calça e a gola meio suja da camisa; havia aprendido a fazer todo tipo de nó para a gravata. Talvez tentasse mascarar o defeito da gagueira adotando um look particular. Mas não queria que mamãe descobrisse essa minha fraqueza boba. Recordo que, durante uma conversa, um professor lhe disse: “Nos estudos, ele deixa muito a desejar, mas, em matéria de elegância, é seguramente o primeiro da classe!”

Eu tinha ficado apaixonadíssimo por Gabriella Orvieto, uma garota que se sentava na primeira carteira, morena, com grandes olhos negros, como seu avental, cabelos curtos e uma deliciosa franjinha. Usava mocassins com meias três-quartos brancas. Eu passava horas inteiras de aula olhando-a, sem prestar atenção ao professor que explicava. Resultado: na primeira série ginásial, fui reprovado. Tive que repetir o ano.

Meu coração precisava estar sempre em movimento, e assim logo depois me apaixonei por outra colega, de escola, mas não de turma: Paola Baldesi. Cabelos longos até o meio das costas, saias amplas abaixo dos joelhos, micropulôveres justinhos que deixavam adivinhar os pequenos seios, um cinto alto, apertado, e sapatilhas. Com uma graça incrível, segurava os livros embaixo do braço. Estes eram atados com tiras elásticas, como se usava naquela época. Eu não saberia descrever o tom de sua voz porque jamais tive coragem de lhe dirigir a palavra. Limitava-me a fazê-la entender, apenas com o olhar, o quanto ela me agradava. Depois da escola, Paola ia pegar o bonde na Piazza del Duomo. Eu sabia a que horas acabavam suas aulas e a que horas ela saía. Em resumo, conhecia todos os seus hábitos e não me era difícil segui-la. Ela olhava pela janelinha e eu a observava com atenção. Descia atrás dela na parada da via Toselli e a acompanhava com o olhar até vê-la desaparecer pelo portão de sua casa, à via Galliano. Nunca nos falamos. Minha timidez não tinha limites!

Miraculosamente, passei à segunda série. Meu desinteresse e minha gagueira representavam uma constante preocupação para minha mãe. Uma preocupação a mais, que se acrescentava àquelas que já a angustiavam tanto. No entanto, foi justamente naquele período que mamãe reagiu à sua situação desoladora e iniciou uma atividade própria no setor da moda. Ela era criativa, e não gostava da vida que estava levando. Desde pequena, como todas as meninas da época, passava o tempo costurando vestidinhos para as bonecas de pano feitas com retalhos encontrados em casa ou dados pela costureira da vovó. Cortava os lençóis velhos e sempre conseguia encontrar alguma renda ou algum botão descasado para enfeitar suas criações. Desde sempre gostava de roupas e desde sempre gostava de se vestir. Amava joias, que usava em grande quantidade. Falsas, naturalmente! Adorava perfumes e blusas ajustadas sobre o busto abundante, metidas em saias rodadas apertadas por cintos, e saltos altíssimos.

Embora Rolando procurasse por todos os meios obstaculizá-la em sua nova atividade, mamãe esvaziou o quarto do primeiro andar. Os dois grandes leitos com letras vermelhas GR, que reinavam no aposento, foram vendidos. Mamãe comprou e instalou no lugar deles duas máquinas de costura. Contratou uma ajudante, Pierina, e em pouco tempo apareceram umas roupas penduradas nos cabides. Começou a trabalhar com Ines, a costureira do Valdarno a quem conhecia desde quando morava em Castelnuovo, a qual por sua vez dispunha de um pequeno time de mulheres muito competentes em modelar casacos com ombreiras.

Lietta, enquanto isso, frequentava o Istituto d'Arte, as ex-Scuderie Reali* junto ao Piazzale Michelangelo. A mesma escola que depois eu também frequentaria, embora com resultados pouco brilhantes. Lietta, competentíssima em decorar tecidos, havia escolhido cursos de tecelagem com pintura à mão.

Minha mãe, por sua vez, era ótima em inventar, e, mesmo com a ajuda de moldes, cortava segundo a inspiração do momento. Mamãe gostava de tudo o que brilhava. Era grandemente influenciada pelo mundo hollywoodiano. Após o fim do casamento com Rolando, criou, junto com Lietta, uma coleção que mais tarde as duas apresentariam no Grand Hotel de Florença. No início, a linha se chamava “Marcella, criações de modelos originais”, e depois, a partir de 1970, o nome foi mudado para “Mali”, da união de Marcella e Lietta. O trabalho das duas teve cada vez mais sucesso, e elas logo se deslocaram para o ateliê do vovô à via degli Artisti. Recordo bem aquele lugar. Duas grandes bancadas nas quais Lietta e algumas de suas colegas de escola pintavam saias e vestidos. Em geral, eram desenhos de grandes flores, um pouco abstratas. Às vezes mamãe também pintava algum tecido.

* Cavalariças Reais. (N. T.)

A inspiração e a força do seu estilo, muito pictórico, eram especiais. Ela conseguia transformar simples algodões brancos em quadros de exposição. Era evidente a influência da arte do vovô.

Foi aquele o meu início? Talvez. Ainda que nunca me tivesse passado pela cabeça, nem mesmo vagamente, me dedicar àquele mundo: decididamente, eu respirei uma leve atmosfera de moda em casa e uma forte atmosfera de arte em Florença. Hoje que não quero ser definido nem como estilista nem como designer, gosto de me considerar um artista da moda; alguém a quem agrada transformar simples peças de algodão branco em preciosos brocados.